JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

O "MUNDO,, E O DISCURSO DO SR. BRITO CAMACHO

I

No folheto—a Politica e as Finanças—que publicamos em 1870—a paginas 8—lê-se «pelo que respeita a crise financeira, as causas, que a motivaram (e ainda a motivam) são:

1.º Um desenvolvimento d'obras publicas, que não está em relação com os recursos proprios do nosso paiz:

2.º A necessidade de impostos e d'emprestimos *em disproporção com o fundo disponivel:*

3.º Um funccionalismo exagerado:

4.º O desiquilibrio entre a classe agricola e as outras classes productoras por se conservarem as pautas a estas favoraveis, e pela lei cereal em desabono da primeira:

5.º A falta de tratados commerciaes, que por um abatimento bem combinado dos direitos aduaneiros extendessem a area do nosso mercado:

6.º A não compensação do augmento constante das despezas por medidas economicas e *reproductoras.*

7.º A desigualdade na distribuição do imposto e as suas applicações banaes e superfluas.

Em 1880, e na *Revista Nacional*, n.º 1.º e no artigo. *Os Bancos e a Moeda Fiduciaria* escrevemos:

«No nosso paiz os continuados emprestimos aos governos, o imposto crescente, a compra de fundos estrangeiros, a immobilisação em alguns melhoramentos industriaes, e nas obras dos municipios, as sommas tiradas da praça pelo banco predial para applicações na maior parte improductivas (como se sabe) a desamortisação, os novos direitos sobre as heranças, e do sello, do registo, mesmo até as substituições militares, *devem tel-o diminuido consideravelmente*, sem que as nossas economias annuaes, isto é, os *excessos* de *producção sobre o consumo indispensavel*, tenham *podido restaural-o*».

E' um pouco mais do que disse o sr. Brito Camacho—e a quem o escreveu não foi o *criterio republicano*, que o suggerio.

Todos aquelles pontos, que julgamos capitaes, foram acclarados no mesmo *Folheto*, na *Revista Nacional*, (cujo 1.º nº me lembrei d'enviar ao sr. Camacho, e onde tambem me refiro ás condições das industrias dentro e fóra do paiz), e em quasi toda a imprensa do nosso districto, nos artigos—o *Fundo Disponivel*, as *Crises*, os *Cambios*, a *Reforma Agricola*, e a *Agricultura e o Governo* (que ha dias aqui reproduzimos) e n'outros.

Por isso extranhamos, que o *Mundo*, tão esclarecido, como é, observe «ter sido o discurso do illustre parlamentar um **formidavel libello formulado por quem soube pôr acima do falso criterio e da disciplina monarchica** os altos interesses da verdade e da justiça».

Pode censurar os erros e os excessos dos governos, attribuir-lhes *um falso criterio economico*, *mas este não pode consideral-o correlativo do espirito e disciplina da monarchia.*

Talvez o *Mundo* assim o não considere, mas é o que d'ahi me parece inferir-se. N'esta hypothese é que vou fazer-lhe algumas objecções escusadas sem duvida para os seus redactores, e para as boas intelligencias, que sabem apreciar o que leem, mas uteis a muitos; que facilmente se illudem com qualquer leitura.

II

Quem hoje quizesse demonstrar como um problema, ou these discutivel, que dois e dois sommam quatro, tornar-se-hia ridiculo, é ao que me arrisco fazendo vêr, que á *forma politica*, a monarchia liberal, não se ligam essencialmente um *falso criterio e um mau regimen* em economia.

A revolução de 93 proclamando os direitos do homem desorganisou a antiga monarchia absoluta, donde só passou para a monarchia constitucional o rei modificado nas suas funcções e poderes, e não é ao rei, que n'este regimen compete convencionar os tratados diplomaticos, entre os quaes se contam os do commercio, estabelecer os direitos aduaneiros, criar impostos ou abolil-os, fomentar as obras publicas, a agricultura, e a industria, elaborar os codigos, alterar as leis sobre a propriedade, emfim em nada influe, de que dependa a economia, para que seja realmente responsavel por ella.

Nem mesmo as attribuições proprias da coroa as exerce sem a intervenção dos ministros e do Conselho d'Estado—nem quando manifesta a sua vontade, muitas vezes lhe não satisfazem. Citaremos um facto n'outro numero.

São as instituições democraticas, que a republica de 93 transmittiu ás constituições, as responsaveis por tudo o que respeita a direcção ou o regimen das forças activas e productoras da riqueza.

Na monarchia liberal o rei casou-se com a republica; a esposa é quem domina—quando ha mau governo, é ella que d'isso tem a culpa. Adiante sondaremos as causas mais intimas, ou a acção *dos poderes não constituidos.*

Um Jornal republicano já quasi expressamente nos confessa, que a republica nada vale sem ser *socialista*, mas que sendo o socialismo incompativel com a monarchia, é precisa a republica para que as reformas sociaes se realisem — discutiremos largamente uma tal affirmativa—*por ora* sem provaas.

(Continúa).

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

RETALHOS

O projecto dos Vinhos

(Do *Dia*).

E' outro erro, gravissimo, o que se praticou com esta *discussão* chancella do projecto dos vinhos! O Paiz póde não se importar muito com a *politica*, tal como a comprehendem os que a exercem. Mas não desculpa que o poder legislativo assim o maltratante e sacrifique!

Contra quem se voltará, em pouco tempo, toda essa gente gravemente lesada pela incuria dos podêres publicos? Contra o governo que agonisa e estará na campa antes do mez defunctos? Não! As queixas irão contra o systema politico, as culpas ser-lhe-hão attribuidas, as reclamações subirão mais alto!

Faz-se talvez d'este modo mais republicanisação do que com os discursos e proclamações dos seus preselytos. E, com certeza, arregimenta-se muita gente, arruinada e desilludida, na legião dos indifferentes, que não accudirá a salvar em horas de perigo os que lhe não valeram em transes de angustia!

Os vinhos e os mercados discurso do sr. Teixeira de Souza.

O orador chama depois a attenção do governo para os mercados estrangeiros, onde concorrem os nossos vinhos e lembra que o Brazil é o nosso maior centro de venda e a seguir a Inglaterra e por isso se deve attender aos tratados com esses paizes e em especial com a Inglaterra, de forma que se regule o problema do graduação alcoolica dos vinhos.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros ha de ter os elementos precisos para julgar que um tratados de commercio com o Brazil não é um assumpto indifferente.

Pela leitura que fez do importante jornal brazileiro *O jornal do Commercio* viu ali advogada esta questão, por uma fórma muito notavel e que indica que ha um entendimento para se realisar um tratado de commercio entre Portugal e o Brazil. Se assim é, o orador como portuguez applaude o sr. ministro dos negocios estrangeiro, se se realisar esse tratado como vem indicado no mencionado

O digno par, a proposito d'uma longa carta que recebeu da Zambezia, lê alguns trechos á camara que mostra a vantagem da exportação do vinho para a Africa, que evitaria assim que os indigenas bebessem a aguardente proveniente da fermentação da cana sacharina; mas que se deve evitar a exportação do vinho ruim que é ainda mais nocivo paro a saude do que a aguardente. Deve-se por isso considerar urgente que se façam as analyses dos vinhos exportados.

Deseja que fique bem consignado na acta, que o art. 48.º só deve começar a estar em vigor no fim de 1908.

O orador falou durante duas horas, proferindo um magnifico discurso, que produziu uma bella impressão na camara.

Conclusão final e significativa

A sessão abriu ás 2 horas e vinte minutos; entrou-se na ordem do dia ás horas e 45 minutos, falou durante 2 horas e sr. Teixeira de Souza, durante as quaes combateu o projecto nas suas disposições mais geraes ficou uma hora para os oradores restante falarem sobre o projecto alguns minutos, durante a qual o relator não disse da sua justiça.

E foi assim discutido e votado a correr em 3 horas, um projecto de lei, que trata d'um dos problemas mais graves que tem feito agitar o povo.

Marrocos

O povo acceita as reformas?

«Muley Hafid.—continua El Moleri,—para ser reconhecido, deverá acceitar as reformas, mas o povo acceital-as-ha?.

«A questão das reformas não é das mais espinhosas. O marroquino quando se falla em reformas, ignora de que se trata, julga uma revolução nas suas crenças. No dia em que comprehende que essas reformas lhe darão, pelo contrario, mais segurança e bem estar, acceita-as.

«A questão verdadeiramente difficil é a do imposto. Para emprehender reformas, é preciso dinheiro. Para ter dinheiro são precisos os impostos.

«A anarchia marroquina é muito grande para que a cobrança do dinheiro se faça perturbações. Os impostos cerrnicos simples são insufficientes. Será preciso restabecer o *terlib*, e este imposto, que foi a causa inicial da impopularidade de Abd-el-Aziz, levantará grandes difficuldades. A homogeneidade de Marrocos não está ainda feita. Emquanto os poderosos caids tiverem interesses contrarios aos do Makhzen, a unidade não poderá existir, e nenhum makhzen, no momento actual, é bastante forte para submetter todo o imperio ás mesmas leis».

ASSUMPTO LOCAL

Seria incorrecção gravissima, da nossa parte, não acompanharmos o illustre articulista da «Patria» nas suas bem deduzidas considerações sobre tudo o que é de interesse local, sómente porque elle foi ter ao *chiqueiro* do Furadouro, aonde envolto com *suinos* de toda a especie, se viu sériamente horrorisado perante tanta immundicie.

Lastimamos o facto, na convicção intima, de que nem tudo foi desprazer.

O nosso illustrado contendor havia tambem de ter momentos de gôzo e de bem estar, que compensariam bem da repugnancia, d'esse que se transportou e se demorou na nossa bella, mas infeliz, praia.

E a razão está, em que ha-de continuar a repetir o mesmo passeio, nas horas livres do seu trabalho insano.

Bem haja em aproveitar bem os restos d'uma mocidade feliz, que está em vesperas de *partida.*

Concordamos, em que a praia do Furadouro pela sua situação tem attractivos e diversões, como nenhuma outra, mas de forma alguma podemos concordar em que a sua pouca concorrencia provenha do desmazello da camara, e sobretudo da exploração baixa e egoista dos particulares.

As camaras têm feito o que lhe é possivel dentro dos seus recursos.

Ligaram a praia com uma estrada, que têm conservada no melhor estado.

Deixaram, em projecto, uma larga avenida ao correr d'essa estrada, que ainda não foi executada por demandar uma despeza muito avultada.

Os particulares nunca exploraram, antes sacrificaram enormes capitaes em beneficio da sua terra, o que, com orgulho, podemos dizer, que não se fez n'outra qualquer praia.

Ha cêrca de 25 annos construiram-se no Furadouro magnificos predios, no que se gastaram dezenas e dezenas de contos de réis.

Esses predios, desde o seu inicio, foram sempre arrendados por quantias insignificantes, a ponto de os proprietarios não tirarem o rendimento de um por cento do capital empregado.

Esta é a verdade, infelizmente.

Aonde, é que, se encontra gente, a não ser em Ovar, que podendo auferir lucros compensadores dos seus capitaes, quando applicados em papeis de credito, no commercio, na industria, na usura, o desvia d'esses fins, para o empregar em predios, que podem engrandecer a sua terra, mas que quasi nenhum rendimento lhe dão?

A este sacrificio grande do povo d'Ovar, corresponderam os banhistas do Furadouro com a ausencia.

Os particulares não são, pois, exploradores.

Pode haver quem explore, mas, felizmente, isso é uma excepção.

Desconhecemos o facto, mas é dever de todos nós interessarmos-nos pelo engrandecimento da nossa terra, temos obrigação de denunciar á colonia balnear os nomes dos exploradores, indicar as formas da exploração e desprezar publicamente os gananciosos, que com menosprezo pela sua dignidade pessoal profissional se procuram locupletar por meios illicitos.

Se o nosso illustre contendor toma a peito, como crêmos, tudo o que é de interesse local, e sabe quem explora os banhistas, «com o mais baixo, sordido e até estupido egoismo» abra uma campanha de moralidade, contra tão infames harpias, que nos terá a seu lado.

•

Tem razão o illustre articulista, em reclamar contra o abuso do deposito dos escassos, e contra o facto de os venturosos *suinos* «acamaradarem em ameno convivio com os banhistas;» mas não a tem quando diz que é da exclusiva attribuição da camara, o evitar taes factos.

Segundo crêmos, as queixas mais repetidas que tem havide, são contra o facto de, dentro de palheiros sitos em ruas habitadas e concorridas, serem depositados escassos, que exhalam um cheiro pestilencial, e que incommodam sériamente os visinhos.

Ora o deposito de escassos nas condições expostas, só constitue transgressão de postura, quando haja prejuizo para a saude publica.

E quem é que pode dizer se ha ou não prejuizo para a saude publica?

Evidentemente que não é a camara, pois para isso carece de competencia e de conhecimentos.

Ha uma outra auctoridade a quem a lei dá competencia.

Cumpra essa auctoridade o seu dever participando, officialmente, o facto á camara e ella fa-

rá accusar a transgressão da respectiva postura.

Apezar de que ha outro mais efficaz de evitar estes abusos, castigando-os com penas mais severas, do que uma simples multa de 2$000 reis.

•

Relativamente aos *suinos* não pode a camara satisfazer os desejos do illustre articulista e assim hão de continuar esses quadrupedes a passear de camaradagem com os bipedes.

As posturas só prevém a vagueação de animaes pelas ruas e praças *d'esta villa*, não se achando, assim, comprehendida a praia do Furadouro.

E' uma lacuna, concordamos, mas ao tempo em que se approvaram as posturas, em 1862, não se tem em vista a praia do mar.

E' verdade que esse mal já podia e devia ter sido remediado, mas a falta vem de longe.

As posturas vigentes não têm apenas esse inconveniente a remediar.

Precisam de ser completamente postas de lado, fazendo-se um novo Codigo.

Mas isso demanda de muito trabalho, que dispenderá muito tempo, e acontece muitas vezes, que os vereadores das camaras, que se poderiam encarregar d'esse serviço, não possam dispôr d'esse tempo.

Se houvesse bôa vontade da parte de todos, os que se interessam pelo bem do nosso concelho poderiamos conseguir, com pouco trabalho, um codigo de posturas, que satisfizesse as necessidades de hoje.

Para isso bastaria constituir uma commissão, encarregando cada um dos vogaes de organisar as posturas relativamente a um assumpto certo e determinado.

Feitos os trabalhos singulares reunir-se-hia a commissão para as discutir, dando-lhes a ultima de mão, para a apresentar á camara, que por sua vez d'elles tomaria conhecimento.

Ahi fica a ideia.

•

Em *Post-scriptum* diz o illustre articulista que não tem má vontade contra a camara e repiza os sobejos das aguas e contribuição de trabalho.

A má vontade ainda se manifestou no ultimo artigo queixando-se da camara, quando não tem razão alguma como mostramos.

Os sobejos das aguas da mina hão de ser arrematados justamente com os da fonte da Ponte Nova.

N'essa occazião verá o illustre articulista, que os taes sobejos *mais importantes* nem quatro mil reis produzem.

Não ha-de faltar agua para os mictorios.

Relativamente ao imposto da prestação do trabalho tenha o illustre articulista o incommodo de ir á secretaria da camara e então verificará se existe ou não o mappa do lançamento, e se se cumpriram ou não as disposições legaes.

Assim cumprissem as suas obrigações *todos* os contribuintes.

AS VICTORIAS DA SCIENCIA

Tirando-se-lhes o craneo curam-se os epilepticos

(E' do *Dia* o seguinte artigo).

Na lucta contra as duas potencias inimigas, a doença e a morte, o homem caminha vagoroso e executando movimentos obliquos. E' á custa de muito trabalho, de muita perseverança, e com a ajuda de um grande talento, que elle vae conquistando pouco a pouco as posições que lhe hão de asseguar a victoria decisiva. Pelo menos, é o que está succedendo com a epilepsia, cujo tratamento acaba de entrar n'uma phase inteiramente nova e das mais impressionantes, como se vae ver.

O grande mal de mascara tragica

Toda a gente conhece, de perto ou de longe, a terrivel doença de tragico aspecto. Umas vezes, acomette a creatura cahindo sobre ella com um vendaval, atirando-a ao chão, sacudindo-a dos pés á cabeça e deixando-a depois moída, alquebrada e sem accôrdo da tempestade que se desencadeara sobre o seu craneo; outras então,—e esta forma é ainda mais horrorosa—a doença, respeitando inteiramente animal, entrincheira-se na propria séde da razão. Mergulhado n'uma especie de estado crepuscular, deixa o cerebro de distinguir o bem do mal. Arrebatado para fora de si mesmo, impellido por uma força irresistivel, o epileptico, ainda agora pacifico, tranquillo, sentirá impetos de correr, irá deitar fogo a uma casa, armar-se-ha para ferir ou matar cegamente. E será tanto mais perigoso e digamol-o, tanto mais desventurado, quanto é certo não poder nenhum asylo de alienados receber um louco intermitente. Expulso da officina, não encontrando quem lhe dê que fazer, perfeito dejecto huma, o desgraçado, acabrunhado pelo infortunio, terá de cumprir a pena em que a sorte o condemnou percorrendo um dos circulos mais terriveis do nosso interno social.

O cerebro humano

Algumas vezes, a despeito de todos os remedios, os insultos epilepticos multiplicam-se. São estes os casos em que o pobre doente appella para a morte, como recurso extremo, e desfaz os miolos.

Os neuropathologistas, porém, longe de desanimarem em presença d'estes casos rebeldes, trataram de investigar se não proviriam de uma irritação especial das massas cerebraes, resultante de depressão ou de fricção de uma das suas partes.

Orgão admiravel, obrigado a prover de tudo, a tudo prever, a tudo estar de atalaya, a guiar tudo, o cerebro humano foi particularmente cuidado pela natureza. Primeiro que tudo, encerrou-o ella n'um involucro solido, a caixa craneana, revestida d'uma camara piloso, isto é, de couro cabelludo. E como se este involucro não bastasse, reforçou-o com membranas mais ou menos resistentes, as meninges, em numero de tres, a dura-mater, a arachnoidéa e a pia-mater.

Estas membranas destinam-se ao amortecimento, e representam, por assim, dizer, o papel de pneumaticos. No se póde crêr, com effeito, que o cerebro seja immovel. Desde o primeiro minuto da vida até o ultimo, elle bate, agita se, levanta, sobresalta-se, e as pessoas que, muito ingenuamente, falam de cerebros em ebulição estão mais perto da verdade do que se pensa. Logo, graças ás meninges, deixam de existir os sobresaltos, os effeitos de qualquer pressão. Como o liquido que ellas segregam é, de resto, lubrificador, todo o apparelho póde funccionar incessantemente com toda a regularidade.

Sómente, todo este machinismo é muito melindroso. Se, por uma causa qualquer, a massa encephalica fôr comprimida, eil-a que começa em movimento desordenados como um cavallo fogoso sem governo.

O cerebro a descoberto

Lucas-Championnére e depois Doyen tentaram, n'estes ultimos annos, vêr o que se passa dentro da nossa bocêta de Pandora.

Por meio de meio de laminas electricas imaginadas por elle, Doyen, com um audacia e uma habilidade maravilhosas, conseguiu destampar a caixa craneana tão simplesmente como uma creança descasca uma laranja. Terminada a operação, tornou a collocar tudo no seu logar e, d'este modo, os seus resultados não foram muito nitidos. Utilisando-se dos instrumentos inventados, por Doyen, alguns medicos allemães, e, em França, os doutores Babinski Gosset, medico e cirurgião dos hospitaes de Paris, lembraram-se, n'estes ultimos mezes, de arrancar definitivamente a caixa craneana e depois as meninges. Feito isto, cosia-se a pelle e estava tudo acabado. Ora, aconteceu que os cerebros assim postos a descoberto se comportaram admiravelmente. Um doente que tinha ataques de dois em dois dias, e que queria suicidar-se, não tem agora mais que ligeiras perturbações de longe a longe; o mesmo aconteceu com tres ou quatro operados, porque o numero d'elles não é ainda grande.

Um craneo artificial

Ha só um contra: é que os desgraçados assim privados da sua abobada craneana ficam expostos aos poderes accidentes produzidos pelo menor choque.

E' preciso arranjar-lhes um craneo artificial, e isso é muito difficil. Tentou-se a celluloide, mas esta substancia offerece grande perigo por causa da sua inflamibilidade. O aluminio seria preferivel, mas um invólucro d'este genero, apesar de muito leve, como se deseja, carece da necessaria flexibilidade.

Emfim, a sciencia procura.

E eis como procedendo por *étapes* lentas —e quão lentas! — a sciencia chegou a entrever a possibilidade de lenitivo para uma das maiores calamidades humanas.

SORRISOS

(A' Ex.ma Snr.a D. Guilhermina A. da Silva).

Maneiras tão doces, affagos tão santos,
Perennes de encantos, de luz, de frescor....
O' virgem celeste, tudo o que em ti sinto,
Palavra, não minto,
Me segreda amor!

Eu amo os teus olhos, raros diamantes,
Dois cilios brilhantes que a terra não tem!
Quem é que não ama teus labios rozados,
De amor perfumados,
Tão lindos, tão bem?

E diz-me: os cabellos, teus negros cabellos,
Que em tristes anhelos me fazem viver,
Não criam no peito raizes profundas,
Tão fortes, tão fundas,
D'intenso soffrer?

E a linha de jaspe, que os labios mordentes
Nos mostram, de dentes de puro marfim,
Não tem o mysterio de muitas paixões...
...Dezenas... milhões...
Não tem, cherubim?...

....

a 8-9-08.

Elysio G. Moreira

FOLHETIM

LUIZ DE CAMÕES

A RENASCENÇA E OS LUSIADAS

Camões, considerando que os interesses do mundo moderno se prendem aos factos da civilisação e não ás abstrações de methaphysica, inicia a arte nos seus novos destinos, cantando um povo que entra na historia pela revolução da sciencia, pela lucta pacifica do homem com a natureza. E o seu poema, que encerra a imagem de toda a elaboração de uma nacionalidade, tem por unico theatro de acção um simples navio, que arvorou á pôpa o pavilhão das quintas e que vae dobrar o Cabo Tormentorio.

(E' o que diz Guinet no *Genio das Religiões*.

A. Medeiros)

A religião dos *Lusiadas* é esse doce christianismo da Egreja primitiva, que tão intimamente se allia com a poesia do mar. O templo tem a fórma da nau com a prôa ao Oriente: *ecclesia instar navis ad Orientem conversa*. Os marinheiros davam á Virgem o nome terno de Estrella de Mar. E quando em mares inexplorados e desconhecidos o gogeiro vê terra os nossos navegantes ajoelham-se no convez e com as cabeças descobertas entoam com uma solemnidade simples e tocante a *Gloria in excelcis Deo*. Piedosas lendas christãs explicam á razão inegua dos rudes mareantes varios phenomenos maritimos.

O elemento maravilhoso dos *Lusiadas*, o conflicto das divindades actuando na direcção dos successos, não é um facto de subserviencia ao *deus ex machina* da velha esthetica. A intervenção d vina no destino das cousas humanas era a base de todo o systema moral na alma profundamente mystica dos povos peninsulares. Camões faz entrar no jogo da sua epopeia esse elemento transcendente—a fé religiosa, que elle mesmo tinha, a fé que fôra uma das grandes forças impulsivas da acção que elle se propunha celebrar, a fé que ainda ninguem soube exprimir com uma eloquencia tão elegiaca e tão solemne como a d'elle, nas redondinhas que começam:

Sêbolos rios que vão
Por Babylonia me achei...

Todos os heroes peninsulares têem a mesma profundidade de crenças.

Colombo é um illuminado que conversa com Deus como Santa Thereza de Jesus. Vasco da Gama, que partira no Restello em *serviço de Deus*, como elle prpprio confessa a D. Manuel, acredita tão piamente na vontade do Eterno, que o elegeu para levar a fé aos mundos desconhecidos, que, ao abafar a celebre conspiração dos pilotos, elle arroja ao mar da borda da capitania todos os instrumentos e todas as cartas de navegação. «*E agora*, —acrescenta propheticamente— *Deus e a India!*»

A promiscuidade dos deuses pagãos com as entidades do catholicismo, tão levianamente reprehendida nos *Lusiadas*, não só exprime de um modo conc eto a alliança do espirito occidental com o espirito Oriente, mas consta o syncretismo religioso que tão profunmente impressionou os nossos navegantes. O *falso deus adorando o verdadeiro* era um facto frequente e vulgar na India, no tempo a que ali chegaram as nossas primeiras expedições. Os nestarianos, depois de condemnados no concilio de Epheso, pela heresia que consistia em negar que a Virgem Maria se podesse denominar a mãe de Deus, refugiaram-se pelo seculo V até os confins da Asia, creando na India um grande numero de proselytos. O nestorianismo subsiste ainda hoje, constando cerca de 400 mil adherentes. Os nossos marinheiros foram encontrar na costa de Coromandel uma capella do apostolo S. Thomé servida por gentios que acreditavam egualmente nos milagres dos nossos santos e nos dos seus deuses. Nas procissões os andores em que iam os idolos eram abaixados com reverencia deante da capella do apostolo. Este facto, citado na Chronica de D. João III, por Francisco de Andrade, é um dos muitos vestigios da influencia dos nestorianos, que se chamavam na India «os christãos de S. Thomé». Em Castanheda e no roteiro anonymo do *Descobrimento da India por Vasco da Gama* encontram-se referencias a factos magolos. Se á idéa da influencia regressiva dos nestorianos acrescentarmos que os systemas religiosos da India se desenvolveram do mesmo typo primordial das outras religiões indo-europeas, e que entre todas as religiões asiaticas se operam em differentes periodos acções e reacções consideraveis, comprehenderemos as analogias cultuaes cuja existencia Camões symbolisou e que a critica moderna tem largamente definido.

A situação politica e geografica de Portugal com relação á Europa, a sua chorographia, as origem das suas principaes cidades e villas, a impressão das suas paizagens, o aspecto dos novos paizes descobertos e consquistados, a religião d'elles, a politica, a indole, os usos os productos do solo, as proprias vestimentas, tudo nos apparece nos *Lusiadas*, como n'um quadro completo em que se desdobra a acção.

O temperamento nacional, a idiosyncrasia portugueza, a compleição moral do povo, trasluzem com uma expressão intensa dos episodios familiares do poema.

A nossa indole proverbialmente amorosa manifesta-se em muitos lances e principalmente na pintura do paraizo promettido aos heroes como o premio da coragem representada na Ilha dos Amores.

O sentimento do Oceano, tão verdadeiro e tão intimo no coração do poeta, a sua maravilhosa comprehensão de todos os phenomenos astronomicos e maritimos, a sua technologia naval, os seus quadros tão reaes da vida de bordo, com as conversações do tombadilho, as manobras, as commoções da tormenta e as alegrias que traz consigo o perfume da terra avistada pelo gageiro, fazem de Camões o interprete mais fiel do genio maritimo de um povo essencialmente navegador; do povo que ao mesmo tempo que fazia as grandes viagens para o Oriente, trazia tambem as grandes pescas maritimas para o Norte, do povo que, para definir um estado especial do seu espirito amargurado pela periodicidade dos ausencias, creou uma palavra especial que nenhum outro povo tem —*a saudade*; de um povo cujos marinheiros conceberam, elles mesmos, essa bella epopeia anonyma que se chama a *Historia Tragico-Maritima*, livro sublime e unico nas litteraturas modernas; de um povo, finalmente, que n'uma das suas mais bellas cantigas populares assignalou a comprehensão do seu destino, com esse traço expontaneo e profundo:

A minha alma é só de Deus
E o meu corpo é do mar.

Ramalho Ortigão.